

Lech
Kowalski
realizador

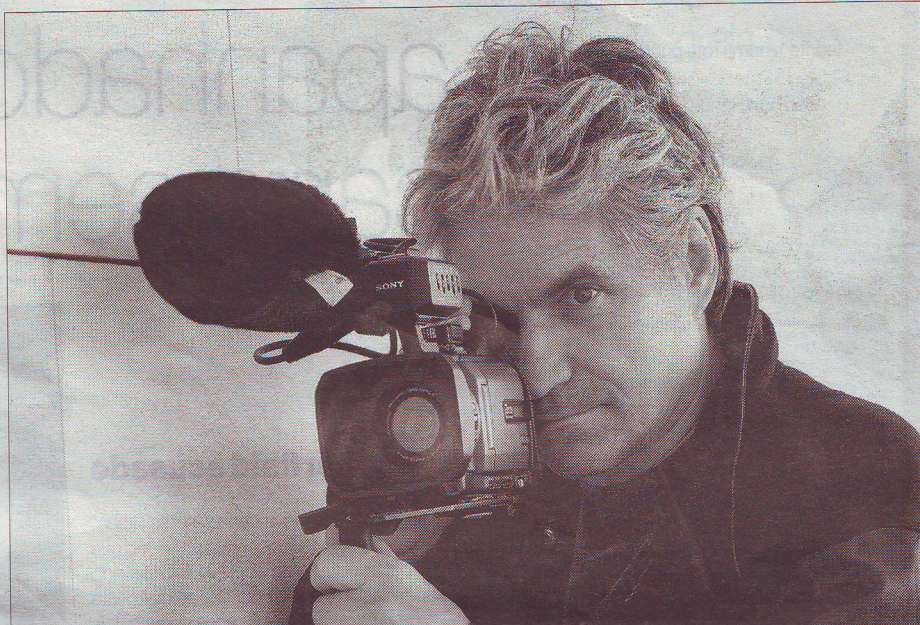


Entrevista

“Anarquia nos EUA? Ajudaria muito o país...”

Nasceu em Londres, em 1950, de origem polaca, mas a família instalou-se em Nova Iorque, quando tinha 14 anos. Consta que começou por rodar filmes porno e esteve envolvido no movimento punk. “D.O.A.”, o filme que o revelou, acompanhava de perto a digressão dos Sex Pistols pelos Estados Unidos e tem imagens nunca vistas e inacreditáveis de Sid Vicious e Nancy Spungen. Alvo de uma retrospectiva no Doc Lisboa, este nome de referência do documentarismo contemporâneo foi ainda responsável por uma masterclass.

DIREITOS RESERVADOS



João Antunes

A primeira parte da obra de Lech Kowalski foi dedicada ao movimento punk, que então vivia o seu período áureo, fazendo a ponte de Inglaterra para os Estados Unidos. **Jornal de Notícias** | **Fora da área musical, o que é necessário acontecer para chamar a atenção da sua câmara?**

Lech Kowalski | O interesse em fazer filmes reside mais em mim mesmo do que no próprio assunto que filmo. Nunca me passaria pela cabeça pegar no jornal e dizer qualquer coisa como: olha que história tão interessante para contar sobre Portugal. Tem de ser algo em que esteja interessado ou que tenha relação com a minha vida, com o bairro em que vivo ou com a minha cidade. Filmo os sem-abrigo porque são meus vizinhos. Só por extensão é que o meu cinema se torna político.

O cinema documental americano tem uma larga tradição, de Flaherty a Michael Moore. Quais são as principais referências do seu trabalho?

Os blues e o jazz, por exemplo. É como um grito na noite, um grito de raiva. A música é a organização, com um ritmo, dessa raiva. Tudo o que se passou na minha infância, Nixon ou o Vietname, criou em mim essa raiva social, que tentei transformar na estética do meu trabalho. Mas os filmes que realmente mais me influenciaram foram os do neo-realismo italiano. Ou “Los Olvidados”, de Luís Buñuel. Apesar de não serem documentários, têm essa vertente documental.

Filmou os punks como se fizesse parte do movimento. Onde estão eles hoje, como mantiveram a sua integridade.

“O DocLisboa é um dos mais importantes festivais do país”

■ Ana Isabel Strindberg, directora artística do festival, fez o balanço da edição deste ano para o JN. “Estamos convencidos que o DocLisboa é um dos mais importantes festivais nacionais e em termos internacionais já faz parte do percurso europeu dos festivais de cinema documental. Sentimos que é um festival importante para o público e não só de Lisboa. Este ano tivemos pessoas que tiraram férias e vieram de vários pontos do país e até mesmo da Galiza”. Em relação aos momentos altos desta 5.ª edição, destaca precisamente “a mostra retrospectiva de um cineasta raro no panorama do cinema documental, Lech Kowalski, um dos mais importantes cineastas do cinema underground americano que esteve presente em Lisboa”. Ana Isabel Strindberg salienta ainda a ligação do festival à comunidade de autores nacionais que se dedicam ao documentário. “Os realizadores portugueses que fazem documentários têm em conta os prazos de inscrição no DocLisboa e acabam por concluir os seus

filmes para os exibirem no festival”, respondendo afirmativamente à questão de saber se já haverá uma “geração” de cineastas a trabalhar nesta área que surgiu como reflexo do festival: “Desde que estou na direcção do festival que notei que muitos jovens realizadores acompanham os filmes do festival e “crescem” também com eles”. Mas o movimento é recíproco, como admite. “Nós programadores também temos evoluído com as exigências e expectativas do nosso público.” Um caso de sucesso imediato no panorama cultural nacional, para onde irá agora o DocLisboa? “Esta edição foi de crescimento em relação ao número de salas, programámos também mais uns 50 filmes. Esta dimensão é para a nós a ideal, o que nos importa sempre é a qualidade dos filmes e não a quantidade”, refere a directora, que conclui: “A próxima etapa é começar já a programar a próxima edição, ir a festivais para seleccionar os melhores filmes”. E deixa um novo encontro marcado entre os dias 16 a 26 de Outubro de 2008. □

de. Quem são os punks de hoje?

Não tenho a certeza se o movimento punk era político. Foi mais um movimento de cultura popular, o que as pessoas queriam era gritar. Mas o movimento estava ligado à indústria dos discos, que é totalmente capitalista. Talvez tenha sido o único que não se vendeu por completo, que manteve a sua independência. O que existe hoje é uma ideia romântica do movimento punk, na moda, na política ou na música. Mas está muito limitada aos jovens. Quem é mais velho, tem de ir mais longe do que o punk.

Nos últimos anos o documentário evoluiu para um certo tipo de entretenimento. O que pensa desse fenómeno?

Há algo que não está muito certo em alguns documentários que tiveram muito sucesso, como os do Michael Moore. A televisão devia dar-nos informação sobre o mundo, não entreter-nos. Mas as televisões são controladas pelas grandes corporações. O documentário tomou o lugar das televisões e alguns filmes têm muito sucesso, porque as pessoas precisam de informação. Mas falta-lhes a estética.

Anarquia nos Estados Unidos, é uma boa frase para colocar numa bandeira?

É mesmo boa. Ajudaria muito o país. A verdadeira anarquia, não a que se vive hoje. □